

RESENHA DE *TRANSLATING PICTUREBOOKS: REVOICING THE VERBAL, THE VISUAL, AND THE AURAL FOR A CHILD AUDIENCE*

CRITICAL REVIEW OF TRANSLATING PICTUREBOOKS: REVOICING THE VERBAL, THE VISUAL, AND THE AURAL FOR A CHILD AUDIENCE



Lia Araujo Miranda de LIMA
Professora substituta
Universidade de Brasília
Departamento de Letras Estrangeiras e Tradução
Brasília, Distrito Federal, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-4932-8424>
liaamiranda@gmail.com

Resumo: Esta resenha comenta a obra *Translating Picturebooks: Revoicing the Verbal, the Visual, and the Aural for a Child Audience* [Traduzindo livros ilustrados: revocalizando o verbal, o visual e o oral para um público infantil], de autoria de Riitta Oittinen, Anne Ketola e Melissa Garavini. A obra trata da tradução de livros ilustrados para crianças, com foco nas peculiaridades das obras ilustradas enquanto entidades multimodais. Abordam-se as implicações da ilustração na prática tradutória e a recepção das traduções por um público que inclui adultos e crianças. A reflexão se insere no âmbito dos estudos da tradução ligados à multimodalidade e à literatura infantil.

Palavras-chave: Tradução. Livros ilustrados. Literatura infantil. Multimodalidade.

Abstract: *This critical review comments on the work Translating Picturebooks: Revoicing the Verbal, the Visual, and the Aural for a Child Audience, by Riitta Oittinen, Anne Ketola, and Melissa Garavini. The book deals with the translation of picturebooks for a child audience, focusing on the specificities of illustrated works as multimodal entities. The implications of the illustrations in the translator's practice and the reception of the translations by a public that includes adults and children are discussed in the book. These reflections are inserted within the framework of translation studies concerning multimodality and children's literature.*

Keywords: *Translation. Picturebooks. Children's literature. Multimodality.*



OITTINEN, R.; KETOLA, A.; GARAVINI, M. **Translating Picturebooks: Revoicing the Verbal, the Visual, and the Aural for a Child Audience.** With contributions from: Chiara Galletti, Roberto Martínez Mateo, Hasnaa Chakir, Samir Diouny, Xi Chen, Camila Alvares Pasquetti, and Lincoln P. Fernandes. NY and Abingdon: Taylor and Francis, 2017. 213 p.

T*ranslating Picturebooks: Revoicing the Verbal, the Visual, and the Aural for a Child Audience* [Traduzindo livros ilustrados: revocalizando o verbal, o visual e o oral para um público infantil] trata da tradução de livros ilustrados para crianças, com foco nas peculiaridades das obras ilustradas enquanto entidades multimodais. Abordam-se as implicações da ilustração na prática tradutória e a recepção das traduções por um público que inclui adultos e crianças. A reflexão se insere no âmbito dos estudos da tradução ligados à multimodalidade e à literatura infantil. Por multimodalidade entende-se a expressão de uma obra por diversos *modos*. Para o livro ilustrado, esses modos são o verbal, o visual e o oral (*aural*, auditivo) – este último remetendo à leitura em voz alta –, expressos desde o título da obra em análise.

426

Além das três autoras que organizam e redigem a maior parte dos capítulos, o livro conta com contribuições de sete outros autores, de nacionalidades e idiomas diversos (inclusive brasileiros), que promovem uma descentralização do núcleo anglófono que domina os estudos sobre a tradução de literatura infantil. As próprias organizadoras da obra refletem esse multilinguismo: Riitta Oittinen é professora nas universidades de Helsinki e Tampere, na Finlândia, e autora de *Translating for Children* (2000), obra que teve grande repercussão, inclusive no Brasil, por seu pioneirismo. Anne Ketola, também finlandesa, é pesquisadora de pós-doutorado na Universidade de Tampere. Melissa Garavini é pesquisadora independente e colabora com o Centro de Estudos Interdisciplinares em Tradução e Mediação para crianças e por crianças, da Universidade de Bolonha. As três autoras, portanto, são originárias de países nos quais as traduções representam a maior parte das obras ilustradas para crianças.

Ademais de seu cosmopolitismo, expresso nos seis artigos internacionais que compõem o capítulo 4 (“Dogs and bulls: translating cultures”), outros aspectos de interesse na obra são o tratamento das estratégias de tradução possíveis para os livros ilustrados, com ênfase nas questões relativas às referências culturais e às lacunas verbais e visuais em interação, e os diários de tradutores expostos e comentados no capítulo 5. Ressalte-se, ainda, a ênfase conferida ao elemento sonoro (oral/auditivo) da entidade multimodal que é o livro ilustrado, aspecto que nem sempre recebe a devida atenção quando se considera o livro ilustrado em seus aspectos verbais e visuais.

Embora não defina de forma explícita seu público alvo, da leitura da obra depreende-se uma intenção didática, abarcando uma gama ampla de leitores, incluindo aqueles ainda não familiarizados com a tradição teórica envolvendo os estudos da tradução e a literatura infantil. A exposição teórica é clara, com a definição de cada noção mobilizada e a retomada de discussões já bastante difundidas na pesquisa sobre a tradução de literatura infantil e de obras multimodais. No início de cada capítulo, há um resumo que apresenta os principais pontos a serem tratados. É, portanto, acessível também a jovens tradutores e não teóricos. A intenção didática revela-se também na estruturação do livro, em seis capítulos, segmentados em subcapítulos. Alguns deles têm uma autoria específica, indicada abaixo dos títulos, sem que se trate de uma coletânea de artigos independentes, mas de textos organicamente integrados no todo da obra.

O capítulo 1 (“First steps”) define os objetivos da obra – examinar a tradução de livros ilustrados sob diversos pontos de vista teóricos e analíticos –, expõe sua base teórico-metodológica e introduz noções de literatura infantil. Esse primeiro capítulo também explicita a estrutura da obra. Adota-se um arcabouço teórico eclético, interessado em tudo o que diga respeito à tradução de livros ilustrados. Ainda neste capítulo, expõem-se os itens que guiam as análises de livros ilustrados ao longo da obra: as soluções encontradas pelos tradutores e suas razões; as mudanças na interpretação das ilustrações ao se verter o texto para outro idioma; os processos de publicação, com ênfase nas limitações impostas pelas práticas de coedição e pela interferência dos agentes editoriais; o tratamento da informação pictórica pelos tradutores. Guiam o trabalho as perguntas: O que é feito? Como é feito? Por que é feito?, ou seja, quais são as estratégias e motivações dos tradutores. Além das questões relativas à interação palavra-imagem, acrescentam-se os problemas relativos ao elemento sonoro.

Este primeiro capítulo apresenta, ademais, questões relativas ao ensino da tradução, que serão desenvolvidas com maior profundidade no capítulo 5, levantando a necessidade de incluir a prática e a reflexão sobre textos multimodais no ensino superior. As autoras confirmam o diagnóstico de que a literatura infantil tem um estatuto periférico no âmbito dos estudos literários, e enfatizam que isso é ainda mais verdadeiro quando se trata dos livros ilustrados, considerados como literatura “simples” em virtude de seus pequenos leitores. Defende-se a valorização necessária da tradução de livros ilustrados, com a formação adequada dos tradutores, uma vez que eles são o primeiro contato da criança com a literatura.

Ainda no capítulo 1, expõe-se o método de análise das obras traduzidas, definido como uma análise comparativa multimodal, a partir das seguintes etapas: leitura isolada do

original e da tradução; análise da interação entre palavra e imagem em cada uma das obras; confrontação do texto (verbal) traduzido com o original, observando-se as mudanças operadas; comparação dos elementos alterados com a ilustração, a fim de verificar em que medida as imagens podem motivar as mudanças. Segue-se uma introdução teórica à tradução de livros ilustrados, considerada como ato ideologicamente implicado, jamais inocente. Parte-se do pressuposto de que a interpretação das imagens pelo leitor é modificada quando o texto é traduzido.

As autoras encaram a tradução como releitura e reescrita para outros públicos e culturas. Elas trabalham com a noção de norma de tradução, segundo Gideon Toury, e observam os fatores individuais e coletivos que influem na seleção das obras a serem traduzidas e nas escolhas do tradutor.

Enfatiza-se ainda a questão relativa ao público, muito patente quando se trata de livros ilustrados. A imagem que tradutores, editores e outros agentes envolvidos na produção de livros ilustrados têm da criança influencia a forma como as traduções serão realizadas. Considera-se, por exemplo, que as crianças são curiosas e capazes de uma compreensão ativa, ou que são ingênuas e tolas? Ainda em relação ao público, este capítulo toca o problema do público duplo – questão já bastante trabalhada por outros autores, como Zohar Shavit (1986), com sua noção de ambivalência, e pela própria Oittinen (2000). Assim, as soluções de tradução não buscam agradar a apenas um público, o infantil, mas também aos adultos que adquirem, leem ou prescrevem os livros para as crianças. Para tanto, as autoras mobilizam a noção de *audience design*, de Allan Bell (1984, 2001), segundo uma abordagem comunicativa focada no receptor. Nota-se ainda a referência a André Lefevere (2012) na visão da tradução dos livros ilustrados como uma refração do original, processada pelo entendimento (e pelos mal-entendidos) daquilo que o tradutor acredita ser melhor para a criança. As autoras remetem também às categorias de domesticação e estrangeirização, conforme Lawrence Venuti (1995), e às implicações da ilustração nesses procedimentos.

O segundo capítulo se dedica a definir o livro ilustrado, objeto de exame, a partir de suas características materiais e de seus processos de produção. A intenção é ampliar as discussões acerca das definições do livro ilustrado, levando em conta como o tradutor aparece em cada uma dessas classificações. Entre as principais características dos livros ilustrados, as autoras arrolam a intertextualidade, a intervisualidade, a interação entre imagem e palavra e a polifonia (interferência de ilustradores e editores). Ainda nesse capítulo, abordam-se as especificidades dos livros ilustrados digitais.

As autoras apresentam as diversas perspectivas teóricas que têm como objeto o livro ilustrado em seis categorias, inspiradas na classificação de Bosch Andreu (2007): 1) como um tipo de *livro*, ponto de vista literário, mas também relativo à forma do objeto livro, enquanto item comercializável; 2) como um conjunto de *palavras e imagens*, perspectiva multimodal; 3) como *sequência*, visão próxima à do cinema, com ênfase no tempo e na duração; 4) como *performance* para um público, com foco na oralidade; 5) como *efeito* no público, ponto de vista que considera as ideologias envolvidas, as intenções pedagógicas; e 6) como *arte*, perspectiva estética. O interesse das autoras é observar como o tradutor se posiciona segundo cada uma dessas ênfases. Por exemplo, conforme a perspectiva que considera o livro ilustrado um tipo de *livro*, o tradutor estará diante de uma gama de gêneros literários, cada um com sua especificidade. Se o livro ilustrado é visto essencialmente como uma unidade multimodal, ressalta-se que a tradução deve ressoar com as ilustrações conservando a mesma reciprocidade que o original. O aspecto sequencial do livro ilustrado, por sua vez, chama atenção para as características rítmicas da narrativa verbal, dentro da estrutura da virada de página, baseada no movimento. O elemento performático ressalta as questões de oralidade, da legibilidade do texto em voz alta. O ponto de vista que valoriza os efeitos da obra sobre o público, considerando o livro ilustrado como um vetor pedagógico e, portanto, ideológico, preconiza um uso trabalhado da linguagem, uma vez que ela será responsável pela formação do vocabulário e do repertório linguístico da criança. Finalmente, segundo o ponto de vista que salienta o valor estético do livro ilustrado, o tradutor aparece como um co-artista.

Em seguida, as autoras passam a examinar a intertextualidade e a intervisualidade que caracterizam o livro ilustrado. Trata-se de objeto complexo em virtude da fragmentação narrativa, da dissolução das fronteiras entre o real e o imaginário e da articulação da imagem com o texto, com idas e vindas entre este e aquela. Essa articulação produz uma tensão entre a contemplação da imagem, estática, e o fluxo da narrativa, ligado ao tempo. É nesse contexto que se insere a noção de *revocalizar* (*revoice*): dar nova voz ao texto na língua-cultura de chegada.

A fim de examinar a leitura integrada do texto verbal e da imagem, as autoras evocam modelos cognitivos da psicologia educacional que descrevem a compreensão de textos ilustrados de maneira mais geral (não apenas literários), adaptando-os para investigar como o tradutor constrói significados a partir da combinação das informações verbais e visuais, ou seja, como eles leem e interpretam os livros ilustrados. Esse capítulo possui um tópico de autoria de Melissa Garavini (2.4) que trata dos aspectos polifônicos da produção de livros

ilustrados. Por aspectos polifônicos, a autora entende os diversos agentes aí envolvidos, chamando a atenção para o fato de que aquilo a que se chamam decisões tradutórias muitas vezes são, de fato, decisões editoriais. Garavini reivindica um modelo comunicativo, baseado em estudos de caso reais, para a tradução de livros infantis e, em particular, de livros ilustrados, levando em conta o papel dos editores e ilustradores na tradução. Ela parte de um *corpus* de doze livros do autor finlandês Mauti Kunnas, traduzidos para o italiano, concluindo que a editora tem um peso importante nas decisões sobre o texto final, sobretudo a partir do pressuposto de que a criança, em geral, tem pouco conhecimento de mundo e que, portanto, as traduções devem ser facilitadoras. A autora, sustentada por entrevistas realizadas com tradutores e editores, afirma que os tradutores de livros ilustrados, em geral, não estão em posição de poder. Apoiando-se sobre o modelo comunicativo desenvolvido por Emer O’Sullivan (2005), Garavini mobiliza a noção de leitor presumido, que não é o mesmo para o texto original e para a tradução, e de “voz do tradutor”.

430

Este segundo capítulo encerra-se por outro tópico de autoria de Garavini (2.5), referente aos livros digitais. A autora defende a necessidade de revisão das teorias elaboradas a partir de livros impressos para tratar dos digitais. Diferentemente do tópico precedente, aqui Garavini aparece menos desconfiada, e por vezes parece equiparar a leitura ativa à “experiência interativa” proposta pelas plataformas tecnológicas. Garavini esclarece que seu objetivo não é julgar os livros digitais como melhores ou piores que os impressos, mas simplesmente compreender como eles funcionam. De fato, ela permanece numa camada mais superficial de observação, evitando analisar obras específicas em sua qualidade literária. O aspecto pivotal do livro digital parece ser a eliminação do adulto enquanto mediador de leitura, por meio dos recursos de áudios de leitura. Garavini não registra o fato de que isso já existia no passado, com discos ou fitas que acompanhavam alguns livros impressos. A inovação, ao menos até o momento, nos parece mais estreita do que retratada pela autora, uma vez que os livros digitais por ela descritos aparecem ainda bastante convencionais do ponto de vista artístico. Ademais, algumas afirmações carecem de fundamentação empírica, como a de que o livro digital, por possuir recursos de leitura síncrona em voz alta, estimularia as capacidades de leitura da criança. Garavini considera ainda a possibilidade de os livros digitais poderem interessar a leitores menos motivados, o que nos parece contradizer críticas que ela mesma fizera aos editores italianos que exigem a simplificação das traduções em favor de um leitorado mais amplo. Consideramos, por fim, que esse tópico vale como

introdução a um objeto novo, cuja reflexão ainda carece de aprofundamento e amadurecimento crítico.

O capítulo 3 (“The Translator Between Imagens, Words and Sounds”) volta-se para o tradutor, situado entre palavras, imagens e sons. Discutem-se estratégias de leitura a partir das categorias de leitura estética, mais voltada para o prazer, e leitura eferente, mais analítica, definidas por Louise Rosenblatt (1978). A ideia é de que, nos livros ilustrados, todos os elementos – verbais e não verbais – cooperam para a expressividade da obra. Nos termos de David Lewis (2001), o livro ilustrado é um organismo. Discute-se a necessidade de o tradutor conhecer as convenções de leitura de imagens, considerando perspectiva, tridimensionalidade, cores, etc., o que remete à noção de gramática visual de Kress e Leeuwen (1996). As autoras referem-se ainda à semiótica de Peirce (1932) e suas categorias de signo, ícone e símbolo. Embora evoquem um número expressivo de teorias, as autoras se atêm às noções fundamentais e diretamente demandadas por seu objeto, sem se perderem em elucubrações teóricas mais complexas. Na realidade, neste ponto, há mais revisão que contribuição original: a ideia de que o leitor-tradutor deve atentar para a integridade da obra, pois o ritmo da narrativa é dado também pelas imagens, é informação já bastante difundida e consensual nas pesquisas sobre tradução de livros ilustrados.

431

É neste capítulo que começam a aparecer reproduções de ilustrações publicadas em livros infantis, facilitando ao leitor o acompanhamento das discussões em torno da dimensão visual dos livros ilustrados. Traça-se ainda um paralelo – este, sim, mais inovador no campo dos estudos literários e de tradução – entre livros ilustrados e produções audiovisuais, com exemplos de animações produzidas por Riitta Oittinen. Segue-se um tópico bastante descritivo (3.2 “The Visual Dimension of Picturebooks”), que explora mais detalhadamente a leitura da visualidade, com referência aos trabalhos de Arthur Berger (1998). Aqui são expostos os principais elementos que compõem o aspecto visual dos livros ilustrados: cor e linha; *design* total (esqueleto estrutural do livro, incluindo seu formato e dimensões); movimento; tipografia; capa; enquadramento; perspectiva. Os exemplos são abundantes, permitindo uma visualização mais concreta das descrições.

No item 3.3, discute-se a performance, ligada à leitura em voz alta. As autoras evocam reflexões de Seán Golden (1997) acerca da tradução de poesia para pensar a tradução de livros ilustrados, considerando a importância de se produzir um texto também para os ouvidos. Abordam-se ainda as restrições impostas pela presença de ilustrações ao lado de textos rimados, que impedem a alteração, em favor da rima, de itens retratados nas imagens

(animais, por exemplo). Acrescentam-se as diferenças culturais, cuja domesticação muitas vezes é impedida pela ilustração. Mais uma vez, oferecem-se exemplos reais de obras traduzidas. O item 3.4 é assinado por Chiara Galletti e Riitta Oittinen, que exploram as interações entre palavras e imagens na construção da identidade de personagens. A caracterização é dada pela forma como as personagens aparecem visualmente, mas também pelo nome, pelos registros de fala, pelo pano de fundo, pela marcação ou não de gênero, etc. Ainda em relação a esse tema, discute-se o problema na tradução de nomes próprios em obras ilustradas que foram adaptados para outras mídias, como cinema ou televisão, o que levanta o problema da coerência intertextual.

O capítulo 3 se encerra com um tópico sobre mediação cultural. No campo da literatura infantil, a questão da proteção contra o estrangeiro se impõe de maneira marcante, em procedimentos de neutralização e homogeneização cultural. As autoras empregam o termo tradução cultural em sentido restrito, concentrando-se nas práticas conectadas à tradução literária que mediam as diferenças culturais. Entre as questões técnicas aí envolvidas incluem-se os dialetos, a heteroglossia, as alusões literárias, os antropônimos, etc. Mobiliza-se a noção de itens culturalmente específicos, de Franco Aixelá (1996). As autoras consideram como a base das estratégias de tradução os polos estrangeirização e domesticação e o caminho entre eles, noção posta em paralelo com a tensão entre as categorias de adequação e aceitabilidade definidas por Gideon Toury (1980). Cabe uma observação acerca de um equívoco ao final deste capítulo 3: as definições das noções de *adequação* (ênfase no texto fonte) e *aceitabilidade* (ênfase da cultura alvo), de Toury, estão invertidas.

Até este ponto, fica explícita a base prática das reflexões, a experiência que as autoras possuem enquanto pesquisadoras, tradutoras ou ilustradoras, que leva a conclusões como a de que, na literatura infantil, as referências culturais do original dificilmente se mantêm intactas. A tendência dos tradutores, mas, sobretudo, das editoras, é proteger a criança da alteridade, sendo corriqueiras as estratégias de substituição. No caso de livros com público duplo, a ambivalência costuma ser reduzida em favor de um público prioritariamente infantil.

Os três primeiros capítulos da obra em análise expõem, por meio de exemplos reais e de definições o mais simples e objetivas possíveis, as categorias fundamentais mobilizadas nas traduções que serão examinadas no capítulo 4. Os elementos culturais e ideológicos são postos em relevo, inclusive no que se refere à cultura visual de cada povo, negando-se a hipótese de uma linguagem visual internacional. Ressaltam-se também os impactos do mercado e da circulação internacional de livros ilustrados, que provocam uma pasteurização

cultural – como exemplo, as autoras mencionam a presença de animais nos livros, sempre os mesmos – em virtude do menor interesse comercial em itens culturalmente específicos.

O capítulo 4 compõe-se de artigos, organizados em subcapítulos, que tratam de elementos culturais na tradução de livros ilustrados. São cinco contribuições, bastante sintéticas cada uma, tratando de traduções de obras ilustradas na Finlândia, na Espanha, no mundo árabe, na China e no Brasil.

O item 4.1, de autoria de Riitta Oittinen e Melissa Garavini, investiga a intertextualidade e a intervisualidade nas traduções do livro ilustrado *Koirien Kalevala*, de Mauri Kunnas, releitura de um relato épico da tradição finlandesa, para diversos idiomas. As autoras expõem o desafio de produzir um texto que seja ao mesmo tempo culturalmente aceitável para os adultos e legível e desfrutável para crianças de outras culturas. Trata-se de uma visão bastante prática e realista da tradução, afastando-se de abordagens mais filosóficas ou deontológicas. Na obra em questão, o desafio se coloca no uso que Kunnas faz de referências da tradição literária e artística finlandesa como recurso humorístico.

O item 4.2, de autoria de Anne Ketola e Roberto Martínez Mateo, compara as versões finlandesa e espanhola da obra *The Story of Ferdinand* [O touro Ferdinando], de Munro Leaf e Robert Lawson. A parceria bilíngue da autoria, assim como no artigo precedente, possibilita a ampliação do *corpus* de análise e a adoção de uma perspectiva mais internacional. Aqui, o foco da análise repousa sobre diferenças na composição multimodal em cada uma das traduções, considerando a reconfiguração radical que a obra sofreu em sua edição finlandesa, com a supressão da maior parte das ilustrações e o deslocamento de outras.

O item 4.3, assinado por Hasnaa Chakir e Samir Diouny, é possivelmente o mais problemático em termos de forma, metodologia e rigor científico. Os autores se debruçam sobre traduções de clássicos da literatura mundial – *Os três porquinhos* e *A pequena sereia* – para o árabe, com ênfase em questões culturais envolvendo a caracterização visual dos personagens; as diferenças entre o árabe padrão, não acessível a crianças em idade pré-escolar, e as variedades vernaculares; e a unidade entre palavras e imagens nas traduções para o árabe. Apesar do interesse e da originalidade do objeto, não há uma definição clara acerca do que se considera como tradução. Não há menção aos textos fontes, e a impressão é de que se trata antes de versões árabes de obras bastante conhecidas no ocidente, que circulam em um grande número de adaptações, que de traduções propriamente ditas. Para a segunda versão de *A pequena sereia* em análise, faz-se menção a um original em inglês, o que contradiz uma referência anterior ao texto de Andersen (que escreveu em dinamarquês). Ademais, não se

mencionam as editoras árabes ao longo do texto, nem os autores/tradutores, de modo que o leitor é forçado a consultar as referências bibliográficas ao final do capítulo, na qual aparecem reunidas as referências presentes em todos os cinco subcapítulos, para verificar os dados editoriais. Tudo faz pensar que se trata de edições comerciais, sem grande interesse literário (como é comum acontecer com as histórias de domínio público). É difícil até saber em que países as obras examinadas pelos autores circulam, permanecendo o leitor em um universo um tanto indefinido de “mundo árabe”.

Apenas para a segunda versão de *A pequena sereia* os autores indicam o texto fonte, uma versão italiana de Gian Lucca Olivieri, e o país de publicação, o Marrocos. Mas a confusão permanece quando os autores afirmam que os tradutores respeitaram a decisão de Andersen de não dar nome aos personagens. Ora, não se trata de uma tradução de Andersen, mas de Olivieri, o que expõe pontos vulneráveis na metodologia de análise. Finalmente, os autores demonstram uma posição conservadora acerca dos procedimentos de adaptação na literatura infantil. Este trabalho, embora frágil do ponto de vista acadêmico, contribui para as pesquisas ainda incipientes sobre a tradução de livros ilustrados para o árabe.

434

O tópico 4.4, de autoria de Xi Chen, examina traduções do clássico chinês *Mulan* em livros ilustrados bilíngues a partir de três ângulos, conforme a classificação de Roman Jakobson (1966): a tradução intralinguística do poema fonte em suas versões chinesas contemporâneas; sua posterior tradução interlinguística para as edições bilíngues; e a tradução intersemiótica realizada nas ilustrações. Além de construir seu estudo sobre estrutura muito pertinente para a análise de adaptações ilustradas e traduzidas para crianças, a autora oferece uma contextualização cuidadosa da cultura de partida. Entre todas as análises presentes no livro, esta é a que mais enfrenta os aspectos estilísticos do texto escrito, numa demonstração de domínio da leitura literária do poema e da crítica da tradução incomum nas pesquisas sobre literatura infantil.

O tópico 4.5 é de autoria dos brasileiros Camila Alvares Pasquetti e Lincoln Fernandes e aborda um gênero de livro ilustrado que por vezes é excluído das definições mais restritivas: os guias de viagem. Os autores se debruçam sobre as traduções de quatro livros da série *Not for parents* [Proibido para adultos], da Lonely Planet, para o português e para o espanhol, avaliando como os tradutores lidam com questões culturais específicas, sobretudo quando elas provocam humor. Aborda-se a questão do achatamento cultural imposto pela prática de coedição e da série enquanto instrumento de fidelização de leitores para a futura aquisição de guias de viagem da marca.

O item 4.6 é de autoria das três organizadoras da obra, Oittinen, Garavini e Ketola, e estuda as traduções do clássico *Where the Wild Things Are* [Onde vivem os monstros], de Maurice Sendak, para o sueco, o finlandês, o alemão e o italiano. A ênfase da análise recai sobre os recursos rítmicos que o autor mobiliza nos planos verbal e visual. Mais uma vez, o recurso à diversidade linguística oferece uma visão mais ampla das estratégias tradutórias recorrentes no campo do livro ilustrado.

Finalmente, o capítulo 5 expõe diários de tradutores: primeiramente da tradutora, ilustradora e pesquisadora Riitta Oittinen, e, em seguida, de tradutores aprendizes. No item 5.1, Riitta Oittinen explora a situação de leitura do livro ilustrado pelo tradutor a partir de três perspectivas diferentes: a ecologia dos livros ilustrados, segundo David Lewis (2001), a dialógica de Bakhtin (1981) e a semiótica de Charles Sanders Peirce (1932). Seu método consiste em redigir comentários, durante o processo tradutório, que servirão de base para a reflexão subsequente. Oittinen integra cada uma dessas três perspectivas teóricas às notas sobre a tradução de três obras ilustradas, de diferentes gêneros literários, onde aparecem questões referentes: à tradução de receitas, com os problemas relativos à disponibilidade de ingredientes e à segurança das crianças na cozinha; à extensão dos vocábulos em finlandês, em comparação com o inglês, e a necessidade de encaixar o texto no espaço destinado pela configuração gráfica da página; aos registros e ao tom da linguagem na tradução de clássicos adaptados. Trata-se de um trabalho bastante denso, que poderia ser desdobrado em pelo menos três artigos – um referente a cada obra ilustrada e a cada perspectiva teórica. Em virtude do caráter sintético deste item, Oittinen não desenvolve a fundo as noções de ecologia, de dialógica ou de semiótica, como faz em outras obras mais extensas (ver, por exemplo, OITTINEN, 2000), referindo-se a outros trabalhos para maior aprofundamento. A conclusão mais importante deste item é a de que definições de livros ilustrados baseadas em critérios quantitativos (o volume de texto comparado ao volume de ilustrações) são insuficientes para dar conta da gama de obras em que texto e ilustração estão intimamente interligados.

O item 5.2, de autoria de Anne Ketola, é de grande interesse para a didática da tradução. A autora comenta doze diários de aprendizes, nos quais eles expõem sua análise dos textos fontes, os desafios encontrados durante a tradução e as estratégias adotadas, segundo o método *Integrated Problem and Decision Reporting*, de Daniel Gile (2004). Ketola postula a necessidade de familiarizar os estudantes com as características básicas dos livros ilustrados e da literatura infantil para o ensino da tradução desse tipo de texto.

O capítulo 6 (“Last Steps”), bastante curto, retoma os principais aspectos discutidos na obra: o livro ilustrado como forma única de arte; a tradução de livros ilustrados como *revocalização* dos modos verbal, visual e oral; o tradutor como intérprete de uma entidade multimodal; o fato de que a significação da imagem se transforma quando posta ao lado de um novo texto verbal e diante de um novo público; a ideia de que a simplicidade não deve ser a meta de uma tradução de livros ilustrados, sob pena de se produzir um texto insípido; as consequências negativas das más traduções sobre as primeiras experiências de leitura do indivíduo.

Um aspecto editorial a ser ressaltado é a reprodução de algumas das ilustrações dos livros analisados, em preto e branco, que dão suporte à leitura. Contudo, na maioria dos casos, talvez por questões de direitos autorais, talvez pela impossibilidade de estender demasiadamente o número de páginas, as análises são fundamentadas em descrições minuciosas das ilustrações das obras infantis, o que as torna por vezes cansativas. Entretanto, com a facilidade atual da pesquisa *online*, o leitor pode adotar uma postura ativa, localizando ele mesmo as imagens.

436

As referências bibliográficas são dispostas ao final de cada um dos capítulos, repartidas em fontes primárias e secundárias. Ao final da obra, há um índice remissivo que reúne os principais conceitos e autores citados.

Translating Picturebooks é uma obra que integra de maneira bastante orgânica aspectos teóricos e práticos envolvendo a tradução de livros ilustrados. Por sua linguagem acessível e sua organização didática, serve como obra introdutória ao tema. Ao mesmo tempo, introduz reflexões já mais amadurecidas e inovadoras, como o questionamento das definições restritivas de livros ilustrados e o reconhecimento do pouco poder de decisão que possuem os tradutores de livros ilustrados. Finalmente, dá visibilidade a diversos países, idiomas e culturas, apresentando a tradução de livros ilustrados sob uma perspectiva verdadeiramente internacional.

REFERÊNCIAS

- BELL, Allan. Language Style as Audience Design. *Language in Society* 13, p. 145-204, 1984.
- BELL, Allan. Back in Style: Reworking Audience Design. In: ECKERT, P. e RICKFORD, J. (org.). *Style and Sociolinguistic Variation*. New York: Cambridge University Press, 2001, p. 139-169.

BERGER, Arthur Asa. *Seeing Is Believing: An Introduction to Visual Communication*. London and Toronto: Mayfield Publishing Company, 1998.

BOSCH ANDREU, Emma. Hacia una definición de álbum. *Anuario de investigación en literatura infantil y juvenil* 5, p. 25-46, 2007.

FRANCO AIXELÁ, Javier. Culture-specific Items in Translation. In: ÁLVAREZ, R. e ÁFRICA VIDAL, M. C. (org.). *Translation, Power, Subversion*. Clevedon: Multilingual Matters, 1996. p. 52-78.

GILE, Daniel. Integrated Problem and Decision Reporting as a Translator Training Tool. *Journal of Specialised Translation* 2, p. 2-20, 2004. Disponível em: www.jostrans.org/issue02/art_gile.pdf Acesso em: 09 jun. 2020.

GOLDEN, Seán. Whose Morsel of Lips Will You Bite? Some Reflections on the Role of Prosody and Genre as Non-verbal Elements in the Translation of Poetry. In: POYATOS, F. (org.). *Nonverbal Communication and Translation: New Perspectives and Challenges in Literature, Interpretation and the Media*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997. p. 217-247.

JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation. In: BROWER, R. A. (org.). *On Translation*. New York: Oxford University Press, 1966. p. 232-239.

KRESS, Günther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London and New York: Routledge, 1996.

LEFEVERE, André. Mother Courage's Cucumbers: Text, System and Refraction in a Theory of Literature. In: VENUTI, L. (org.). *The Translation Studies Reader*, 3rd ed. London: Routledge, 2012. p. 203-219.

LEWIS, David. *Reading Contemporary Picturebooks: Picturing Text*. London: Routledge, 2001.

OITTINEN, Riitta. *Translating for Children*. New York: Garland Publishing, 2000.

O'SULLIVAN, Emer. *Comparative Children's Literature*. Translated by Anthea Bell. London and NY: Routledge, 2005. Based on: Kinderliterarische Komparatistik.

PEIRCE, Charles S. *Collected Papers by Charles Sanders Peirce*. Cambridge: Harvard University Press, 1932.

ROSENBLATT, Louise M. *The Reader, the Text, the Poem: The Transactional Theory of the Literary Work*. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1978.

SHAVIT, Zohar. *Poetics of Children's Literature*. Athens and London: University of Georgia Press, 1986.

TOURY, Gideon. *In Search of a Theory of Translation*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London: Routledge, 1995.

NOTA DA AUTORA

Lia Araujo Miranda de LIMA – Professora substituta do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília. Doutora em Literatura (2020) e Mestre em Estudos da Tradução (2015) pela Universidade de Brasília. Bacharel em Letras – Tradução/Francês (2008) pela mesma instituição e em Comunicação Social – Jornalismo (2004) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Letras Estrangeiras e Tradução. Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Currículo Acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/8248385539458046>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4932-8424>

E-mail: liaamiranda@gmail.com